

## O CUME DA MONTANHA É A NOSSA META?

Neste artigo, gostaria de traçar uma linha de raciocínio entre a filosofia do montanhismo e o modo como as empresas de ecoturismo impõem essa prática como indispensável para o retorno à natureza ou como a superação dos limites do homem.

Na seção de anúncios de uma revista de ecoturismo estavam sendo oferecidas algumas oportunidades para quem deseja se tornar um verdadeiro explorador.

A primeira era um trekking no Nepal, com o Himalaia na dose certa. A frase dizia: “O melhor trekking do mundo com segurança e conforto”.

Numa outra oportunidade eram oferecidos lagos, montanhas e geleiras da Patagônia por apenas 2.300 dólares, com as frases: “Aventure-se neste paraíso com muito conforto!” e “Aqui tem aventura sem complicação”.

É instigante esse tipo de anúncio no qual você tem a possibilidade de se sentir como os aventureiros do passado, mas com todo conforto e segurança oferecidos pela agência.

Percebam como as atividades ecoturísticas já vêm prontas para serem vistas e sentidas. É o que se tem e não o que se quer.

A exploração cheia de equipamentos acaba distanciando as pessoas da essência do homem simples, pois estas parafernálias modernas são apenas um conjunto que afasta o ser humano de sua condição original.

É preciso entender o significado e possuir pleno conhecimento do que está acontecendo no montanhismo para se tirar o melhor proveito da aventura com o máximo de segurança.

Sobre este assunto, tivemos a felicidade de conversar com Fábio Cascino, um filósofo por formação e instrutor de guias de escaladas do Clube Alpino Paulista (CAP). Em seu curriculum estão os Alpes Suíços, as Montanhas da Itália, Bariloche e a Patagônia.

Segundo Fábio Cascino, o montanhismo é muito mais do que a conquista do cume como objetivo principal. O convívio com os moradores locais, sua cultura e seu cotidiano também faz parte desta aventura de se alcançar o topo ou não, chegar onde ninguém esteve antes, o prazer de ver o resultado pessoal da exploração, a ciência e o esporte. Montanhismo como aquele feito por Balmack e Pacard ao alcançarem o cume do Mont Blanc (Itália-Suíça) em 1786.

Para muitos povos, as montanhas são sagradas. Nos vales do Himalaia (Nepal), os monges budistas celebram a leitura dos livros sagrados tendo como testemunha o gigantesco Nilgiri e seus 7.061 metros de altura. Para eles, percorrer essas montanhas é uma benção, onde a natureza e a fé impõem sua grandiosidade.

Percebam que não são os moradores locais que escalam as montanhas, pois elas não representam um objetivo a ser atingido. Os exploradores são pessoas vindas dos grandes centros urbanos que há muito tempo perderam o elo de ligação com a natureza e buscam através de equipamentos sofisticados uma interação. Mas, ao contrário do que acreditam, esta exploração cheia de equipamentos só os distancia do ser humano original, que é simples.

Ao criticar esses pacotes de viagens, não queremos atacar o ecoturismo como uma atividade anti-social, mercantilista ou impactante ao ambiente. O interessante é possibilitar o esclarecimento sobre as verdadeiras razões do que realmente acreditamos como ser um contato com a natureza, seja ele através do trekking, da espeleologia ou do montanhismo.

A natureza não é algo a ser conquistada, e sim interpretada com harmonia.

Para os interessados em entender o montanhismo, a dica de Fábio é reunir o básico em equipamentos e mantimentos, encher o tanque do carro e partir rumo aos nossos hermanos argentinos para conhecer a Patagônia. O custo desta aventura fica por apenas 600 dólares. O resto é propaganda.

Adriano Buzoli (professorbuzoli@gmail.com)

